

A Fraternidade

DEFENSOR DOS CAIXEIROS PORTUGUEZES

Trimensario independente

DIRECTOR,
JOAO DE SOUSA *SECRETARIO DA REDACÇÃO,
FRANCISCO GUIMARAES *ADMINISTRADOR,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)
Série de 18 n.ºs isentos de cobrança
postal 500 rs.
Brasil (moeda forte), série de 18 n.ºs 1\$200 »

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º
Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão
EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

Annuncios (Preços convencionaes)
Nã se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade, nem se restituem
os authographos, quer ou não
sejam publicados.

Joaquim José d'Araujo

Eu recordo-me de ter lido, ha annos, em uma publicação illustrada do nosso paiz, a biographia de um commerciante modesto, homem que exercêra no espirito dos seus conterraneos uma extensa preponderancia e tivera a felicidade de possuir um cerebro sensato e superior.

Começára praticando a acção philanthropica e benevola do seu impolluto character por humildes e honestas associações de beneficencia e formára-se, mais tarde, quando cumpria, com o applauso unanime de uma população grata e consciante, um dos mais elevados mandatos civicos que se podem conferir a um cidadão. N'aquelle tempo ainda a palavra gratidão se não tinha eliminado do dictionario, nem o taboleiro impudente da intriga e da calumnia servia para intreter as horas de ocio dos invejosos, dos inuteis e dos mal intencionados. N'aquelle tempo esqueciam-se puerilidades mesquinhas para só se pensar em glorificar homens dotados de qualidades e virtudes, que beneficiavam aquelles que a má roda da fortuna collocára em posições sociaes inferiores. Era o tempo em que o caixeiro tinha a apparencia de um saloio e os sentimentos ingenuos e purissimos de uma criança. Bom tempo aquelle! Quem me dera retroceder áquellas epocas para ouvir as expressões rudes dos meus extinctos collegas, adivinhar-lhes os pensamentos, commungar com elles nas ideias candidas que os animavam e dizer-lhes com a eloquencia calma d'um apostolo e tendo na voz a inflexão caver nosa das palavras de um propheta:

«Homens, olhae para o futuro; vêde quem vos succede. E' uma legião enorme de vaidosos que disputam o logar de honra áquelle que incontestavelmente o merece».

Talvez esses cerebros broncos, que desconheciam os mais rudimentares principios da instrucção, se não admirassem. A ignorancia possui ás vezes dons de elevado valor. Rir-se-iam talvez das minhas prophécias, suppondo-me um sceptico. Amarga realidade a de hoje! A prophécia realisou-se, embora ella apparentasse o mais phenomenal absurdo.

Desculpe, o meu presado biographado, a nudez dos meus pensamentos e ideias. O meu orgulho de pobre tem assomos de revolta quando vê a consummação de actos que merecem censuras. Eu admitto a existencia de discolos quando um facto perfeitamente justificavel os origina. Quando são, porém, a vaidade e despeitos banaes que provocam desintelligencias que a todos prejudicam, eu sinto desejos de escarpellar com um bisturi afiado os cerebros ôcos de quem tão propositadamente tenta demolir principios reconhecidos como uteis, e aniquilar energias que se prestam a colaborar desinteressadamente em obras cuja acção é manifestadamente valorosa. Mas estas considerações estão-se a tornar inopportunas: deixêmol-as para mais tarde, quando os factos realisados tenham eloquencia convincente e positiva.

Joaquim d'Araujo, a quem eu conheço ha poucos annos, merece-me a mais suprema consideração que se pôde dedicar

a um homem. Para descrever as suas qualidades moraes é-me desnecessario recorrer a um dictionario de synonymos, onde os adjectivos pomposos resaltam claramente. Em um meio falho de iniciativas, pobre de boas vontades e misero em sentimentos sinceros, vive-se atrophiado, entre um côro de calumnias e um hymno de torpes insinuações. Pois apesar dos defeitos naturaes de uma grande parte dos indigenas, Joaquim Araujo conta um crescido numero de admiradores e amigos, que lhe prestam a mais ardente estima. Estou certo que se algum dia um desventurado, tremendo de frio, se acercasse de Joaquim Araujo pedindo-lhe a bemdita esmola de um agasalho, elle despiria sem reluctancia, movido por um impulso intuitivo, o proprio casaco para suavisar a triste situação do infeliz, que o fitaria ancioso.

Ninguem, ainda, implorou a sua protecção e generosidade que deixasse de ser attendido. Nas collectividades locaes Joaquim Araujo tem cumprido cargos de diversas responsabilidades

e a sua passagem por essas casas de transcendente utilidade, nunca deixou de manifestar-se magnanimamente, enriquecendo-as com os productos da sua enextinguivel energia e da sua acção verdadeiramente philanthropica. Na reconstituição da Associação Commercial, Joaquim Araujo desenvolveu, juntamente com outros cavalheiros, uma somma enorme de actividade, concorrendo poderosamente para que essa aggremação ficasse baseada em alicerces solidos, de maneira a evitar que um tresloucado qualquer, amanhã, movido pelas consequencias de uma deficiente educação civica, a extinguisse inconscientemente. Dos contemporaneos, Joaquim Araujo é um dos cavalheiros que mais interesse manifesta pelos progressos e prosperidade da Associação dos Empregados no Commercio e talvez o unico, digo-o sem receio de contestação, que põe incondicionalmente todo o seu valor moral ao lado de qualquer iniciativa que tenha por fim engrandecer a collectividade de

que elle foi um dos mais fervorosos socios fundadores. Eu conheço ha muito poucos annos Joaquim Araujo; e comtudo a impressão que sempre colhi do seu bello espirito é tão manifestamente lisongeira, que não ponho duvida em distinguil-o entre os melhores caracteres que me teem honrado com a sua apreciada convivencia.

O character de Joaquim Araujo dá a impressão de um magnifico brilhante, olhado com indifferença por se lhe desconhecer o valor. Ha tempos um jornal noticiava que em uma mina os operarios que n'ella trabalhavam, se entretinham a destruir vagarosamente uma pedra rara, de incalculavel valor, que o acaso collocára debaixo das suas implacaveis picaretas. Assim acontece muitas vezes com individualidades, como Joaquim Araujo, a quem a maioria da grande massa humana deita ao mais completo ostracismo, não chegando a avaliar as apreciaveis faculdades moraes que os adornam. Não é a minha apoucada intelligencia bastante esclarecida para retratar fielmente o novo presidente da direcção da Associação dos Empregados no Commercio. Ha n'este singelo artigo, todavia, a impressão sincera da minha mais alta admiração, pelo homem que não recusou o seu auxilio a uma collectividade que elle creou com desvelado interesse, e que o mau criterio de muitos ha-de um dia conduzir á ruina.

F. G.



O NOSSO PROTESTO

Entre os numerosos absurdos que o Catholicismo impõe como um dogma, um ha que, por ser da actualidade, nos merece a honra de ser o assumpto da nossa chronica d'hoje. Vamos referir-nos á rendosa bulla, que a Igreja classifica de Santa Cruzada. No longo numero de indulgencias que na mesma bulla se descrevem, e onde se manifesta claramente o espirito ambicioso do clero, algumas ha que nos mereciam especial reparo, se não condemnassemos no geral a citada bulla. Instituida para um fim completamente inutil—pois nada lucra a Humanidade com a existencia de igrejas mais ou menos luxuosas, com muitos ou poucos ornamentos, rica ou pobre de paramentos esphafatosos,—o auctor da bulla tentou dar um testemunho do seu immenso poder, não permitindo aos apóstolos da sua religião a escolha das iguarias em dias determinados e annunciados opportunamente, em varios reclames, pelo alto e baixo clero. A ideia era duplamente feliz; não só viria contribuir para o augmento de colossaes riquezas que se somem em faustosas devassidões, como paten-tear uma auctoridade que era, n'outras eras, a gloria da Igreja. Dar-se-lhe-ia um caracter de humanitaria, dizendo ser para custear as despesas com os seminarios, que a benevolencia publica permite existirem por esse reino.

N'um paiz de fanatismo, onde tudo impera menos a Luz, tudo se admite, tudo se consente; e a bulla, sem utilidade humanitaria nenhuma, produziria o resultado desejado, isto é, uma fonte de receita inexaurivel, onde a ambição clerical encontrasse uma satisfação, onde abundassem recursos monetarios para saciar desejos sensuaes e criminosos. O resultado pratico ultrapassou todas as previsões; d'um extremo ao outro do paiz a bulla tinha uma venda espantosa, um consumo extraordinario. A ideia theorica foi acolhida com regosijo; a ideia pratica foi sandada brilhantemente, com a entrada de centenas de contos nos cofres do clero. Era mais um absurdo que a Igreja impunha, e que o fanatismo boçal acolhia com verdadeiro jubilo.

* * *

Afinal n'um paiz de doidos tudo é bem accete. A bulla só concede indulgencias a quem a pagar: o miseravel pária que procura na solidão da noite um albergue para se agasalhar, morrerá vilipendiado porque não tem dinheiro para pagar a indulgencia para os peccados que commetter.

E' este o absurdo, evidentemente flagrante, da bulla da Santa Cruzada: põe a claro a ideia que invadiu o espirito do auctor, indicando o verdadeiro fim para que foi creada:—todo o peccado tem indulgencia desde que se pague a pezo de ouro. A bulla não é pois um producto da fé catholica: é uma mercadoria commercial, indispensavel em todos os lares domesticos, mas dispensavel a todos os espiritos sensatos.

Devastam o paiz terriveis enfermidades e deploraveis misérias: não se criam para snavisar estes males cruzadas bemfezas, organisadas pelo clero e por elle constituidas; enferma o paiz de um mal manifesto e incontestavel — a ignorancia do povo: não se organisam para evitar esta calamidade asylo-escolas, onde se ministre a instrucção e se dê agasalho ao miseravel. Em compensação instituem-se. bullas cujo producto vae augmentar o fausto e a riqueza, que o clero exhibe com singular egoismo. E, ironia tristissima, o povo, que concorre poderosamente para a ostentação do culto catholico, abandona vilmente, esquecendo todos os seus deveres humanitarios e naturaes, os desherdados da fortuna, os párias do destino, que a infelicidade collocou na immensa roda da desventura.

(D'Alerta).

CRUZ E ESPADA

Quando os caudilhos do amor e da justiça deixarem de perfilhar as ideias generosas de Tolstoï, o pensador insigne, mas para quem o sangue é um motivo de susto e Deus um motivo de respeito, e comprehendere[m] que a emancipação dos povos, proveniente da evolução pelo estudo, apenas apresenta uma theoria sentimentalista, serão os primeiros a proclamarem a revolução, porque, quando o sangue é jorrado, não para sustentaculo de thronos ou realisação de sonhos de vaidade e de cubiça, mas para, á sua custa, os homens conquistarem todos os seus direitos e passarem, de bestas fustigadas, á cathegoria de seres pensantes e superiores, iguaes pelo nascimento e morte, pelas alegrias e dores, esse sangue, em vez d'um aspecto macabro, tomará o aspecto d'um balsamo purificador, assimilhando-se os gemidos dos que tombam pela causa defendida, a hymnos festivaes que o echo irá repetindo, alegre, de monte em monte, de quebrada em quebrada.

Os homens, porém, hão-de vergar sempre ao peso das vis correntes oppressoras, enquanto não lhes demonstrarem dia a dia, hora a hora e por todos os meios possiveis, os nomes dos seus maiores inimigos, para que, convencidos até á evidencia, os saibam odiar com todas as forças e banil-os sem escrupulos e sem receios, para que da queda d'esses monstros, surjam os fulvos clarões d'uma nova era de amor e liberdade.

Esses inimigos são dois, a caserna e o templo, imagens symbolicas do assassinato e da mentira.

Quando o homem, ainda o mais rustico, comprehenda que a espada o avilta, o escravisa e o obriga a matar os proprios filhos e irmãos e a queimar o proprio casal da sua aldeia para simples engrandecimento de meia duzia de magnates que buscam fortaleza e horas entre os cadaveres de homens robustos e productores, vilmente rou-

bados aos carinhos das esposas e ás promessas das suas noivas, quando elles pois comprehendere[m] isto, serão os primeiros a passearem, em marcha triumphal, as cabeças hediondas d'esses magnates, espetadas nas pontas das lanças, em vez de, como submissos carneiros, encherem as casernas onde impera o ocio e a devassidão, porque o soldado afastado da mulher e tendo caprichos genesicos como todo e qualquer homem, chega a prostituir-se como asquerosa rameira.

Quando elle comprehendere tambem que a cruz apenas representa uma força e que, nos templos, desde a cupula até ao mais ténue fumo de mirra, tudo é absurdo e indigno, que os altares são aleivosias e Deus um simples phantasma que se criou com o fim unico de, á sua sombra e impondo-se-lhe um poder dominador, se usurparem dotas de donzellas e bens de viuas, enchendo as de fanatismo e medo com os castigos de um inferno imaginario, quando elle comprehendere que esse Deus de tão espantosa omnipotencia nunca fez cessar, como lhe ordenava a sua misericordia infinita, todo o sangue derramado em seu louvor, desde as carnificinas do charlatão Moisés, até ás carnificinas da carnivaro Carlos IX na noite tragica da Barthelemy, o homem será o primeiro a fazer cair, em derrocadas assombrosas, esses edificios supersticiosos para, em seu lugar, edificarem escolas onde os seus filhos possam aprender as verdadeiras leis da humanidade, correndo a ponta de chicóte o primeiro imbecil que deixasse de comer carne á sexta-feira e rojasse o focinho pelo chão em honra de qualquer santarrão pantomineiro e fabuloso.

E' necessario, pois, pôr de parte a ideia sentimentalista da conquista de direitos e de liberdades pela evolução proveniente do estudo, até chegar-se ao ponto inconcebivel de se encontrar um intellectual em cada campesino. O que cumpre, para bem da inteira humanidade, fazendo desaparecer odios de raças e divisões de terrenos, é mostrar-se-lhe a ignominia da espada e a vilesa da cruz, forçando-os á queda das casernas e dos templos por meio de derrocadas, de cujos escombros brotará, sem duvida, a sua mais completa liberdade e, portanto, o goso infavel de todos os seus direitos.

Eduardo de Aguilar.

Da pandega ao confessorario

Carnavalescamente, mulheres formosas, mulheres feias, casadas e viuas, filhas e irmãs, gosaram em bailes innocuas, vestidas a capricho...

Após um longo anno, em que passaram horas d'aborrecimento, dias de prisão interminavel, noites fastiantas, entraram na esturdia, oucas gritantes, na febre do flirt d'acaso, do beijo at-

trahente do primeiro bemvindo, dos pinchos da dansa, apressadas por esquecerem a banalidade caseira, com filhos chorosos e doentes, com paes rabugentos, com maridos acanhados.

Arrumaram-lhe com «tu», «tu», desconhecidos atrevidos, e ellas gostaram; Lovelaces falsificados impingiram-lhes historias d'amor expontabeo e mostraram impetos de beijar-lhes a «bellissima» mascara; aguerridos vadios das salas levaram-n'as no turbilhão da walsa até o recanto escuro, e ellas, esposas e mães, semi-irgens e prostitutas authenticas, deixaram-se levar, de boa vontade...

A liberdade da esturdia foi maxima:—arremessos de flôres e declarações á casada, á amante do nosso amigo, á filha do nosso irmão:—nada de respeito para aquelle que convive com nosco a quem, disfarçando a voz, contamos a sua propria vida liberdade e de côrno:—a intimidade do lar, a dignidade, a honestidade da mulher soffrem a eterna seducção: «Conheço-te! Aceitas uma ceia?»

O Carnaval é a torneira magna:—sae toda a vasa, toda a desvergonha, toda a alegria, todo o espirito estúpido,—para a rua, para o baile, para o grupo.

A mascara, cujo uso se perde nas festas a Baccho, nas festas religiosas, na conspiração, no crime, no fogo; a mascara serve de testa de ferro:—dá incentivo ao poltrão, ao invejoso, dá espirito ao colligal e á casadoira virginal!...

Mas, á liberdade franca, de dichotes e de saltos, de navalhadas cobardes e de desgostos traçoeiros, vem a quaresma, indulgente e doce, a chamar á confissão os que peccaram!

Após a folia, uma moral elastica a reficar-nos a energia que deve gastar-se, a toda hora, como a maior victoria do homem!

São mais puras as mulheres que se cobrem de mantilhas e vestidos luctuosos, e balem no peito, e rezam, e se confessam?

Oh! não: tanto vale a mascara como a mantilha, na pratica do bem, da dignidade...

Aos templos acodem as mesmas mulheres, tristes, timidas ante a ameaça do *Dies irae*.

De volta, relembram coisas que passaram, e suspiram pelo carnaval seguinte. E' o peccado dos sacerdotes,—a serpente, a seduzir as Evas levianas.

Mas, ao cabo, sempre vence a Igreja com o seu fatidico confessorario,—esse maldito tonel das Danaidas que absorve milhões de peccados que, afinal, são a gritante manifestação da vida animal e humana.

—Extremosas mães: prohibi que accorram aos pés do sacerdote as vossas filhas

Que peccados os seus?

Desejam um esposo, querem beijos, abraços e uma ternura infinita?

Pois bem! ellas estão na unica religião verdadeira:—na vida procreadora e santa... Deixae-as casar!

Arthur Doria.

Quando um partido triumpho são as paixões que governam.

O Odio

Homem! porque has de o teu irmão aborrecer,
se o Odio faz soffrer,
e só o Amor produz pacifica alegria,
e de ventura doce o espirito sacia?...

Se o mytho de Satan tomasse vulto
na existencia real;
se a mente humana restaurasse o culto
na terra ao deus do mal;

da loucura da fé esse episodio
caracterisar-se-ia bem,
consagrando por dogma o eterno Odio...

O velho Adão, porém,
tem visto já correr tão abundante
o sangue que, constante,
tem pelo mundo o Odio derramado,

que da concordia tem vivos desejos.
Trocae-vos entre vós fraternaes beijos!
Apenas é feliz quem tem amado!...

Amae todos os homens! Recordae-vos
das palavras finaes de S. João,
legadas por lição
aos primeiros christãos: «Filhos! amae-vos!»

Quem odeia, a sua alma não descansa,
não goza d'um momento de prazer,
a vida é-lhe tormenta sem bonança!...

Pois a quem é que o Odio faz soffrer?...

O Odio nunca sae do subjectivo.
Tanto mais odiaes, assim soffreis,
e o objecto d'esse odio é sempre esquivo
a esse affecto ruim no qual ardeis...

Amae! amae! amae tudo o que existe!
Não odieis o mau: regenerae-o!
Ao que vive captivo, libertae-o!
E leve a alegria ao que está triste!

O Odio é noite! Só o Amor é luz!
O Odio é morte! Só o Amor é vida!
Amae! que a estrella de alva já reluz
e a amar/nos convida!
E, como á Magdalena amou Jesus,
amae mesmo o ladrão, mesmo o homicida!

Se a Magdalena, porque muito amou,
viu toda a sua infancia resgatada,
para quê odiar o que peccou?...

Sua alma pelo Amor será curada...

(Dos Abalos Sociaes)

HELIODORO SALGADO.

A MORTE

O phenomeno da morte, ou da cessação da vida individual, exactamente pelo que tem de aparentemente revolucionario, supprimindo o *eu* pela suppressão das sensações e da consciencia e dissociando os elementos que entram no organismo, fazendo-os passar pela phase repugnante d'uma decomposição pútrida, tem o quer que seja de tragico. E, embora o saibâmos fatal termo da nossa carreira como individualidade organica, todos tratamos de o afastar o mais possivel, e, tanto quanto em nossas forças cabe, a sua mesma importuna lembrança sacudimos do espirito.

A ideia religiosa da sobrevivencia do *eu* para ulterior sancção transcendente da moralidade de cada um, agrava este medo da morte, gerando n'uns a alucinação das penitencias expiatorias; e n'outros o delirio pungente do medo do inferno, especialmente nos espiritos fracos, ao approximar da hora fatal.

Entretanto a sciencia, com

a sua rude franqueza materialista, vem e diz-nos:

A Morte, excepto quando resultante de accidente ou de violencia; é um phenomeno puramente chimico. O plasma de que todos os órgãos são feitos, attingido o cume da vitalidade, começa a declinar gradualmente, a tornar-se inapto para a vida como uma velha machina avariada se torna inapta para o trabalho. É uma dissolução que a pouco e pouco se opéra. O poder de restaurar ou substituir as cellulas ou partes gastas vae-se extinguindo gradualmente.

A materia inerte, irreparavel embaraça o organismo e tolhe de cada vez mais o plasma continuamente activo. Assim, muito naturalmente, o organismo chega a ponto de não poder desempenhar-se das suas funcções.

Nos séres fracamente organisados, como certas algas e polypos, pequena é a potencia de restauração e reconstrucção organica; mas, ao subirmos a escala da complexidade organica, esse poder, chegada a hora da dissolução, torna-se totalmente impossivel.

Nem a vida resulta d'um

principio especial ou por divina generosa d'um deus em dia de bom humor, nem a morte é castigo que nos dá um deus irritado. Vida e morte são phenomenos mechanicos e chimicos.

A morte será a passagem *evidente* da consciencia á inconsciencia, ou, sob uma apparente quietação total, haverá ainda por mais tempo qualquer subsistencia da vida?

A medida que a dyspnea augmenta e os olhos perdem o brilho, parece que a vida se vae esvahiendo até que de todo cessa, com o ultimo vestigio das funcções circulatorias e respiratorias.

Mas a consciencia dura tanto, ou ter-se-ha extinguido antes, sendo todas as apparencias de sensibilidade consciente ulterior puramente uma successão de phenomenos mechanicos?

Ou ainda —o que mais horroroso será por certo— a morte exterior, objectiva do organismo, revelada pela suspensão total das manifestações funcçionaes, não será difinitiva.

O dr. Laborde é d'esta opinião.

Para elle, após a morte apparente, após a queda da ultima lagrima do enfermo a vida continúa latente, pela persistencia das propriedades funcçionaes dos elementos e dos tecidos organicos. Em todo o caso, na theoria do dr. Laborde, a consciencia terá de todo succumbido, o que attenua o horror da hypothese, pois que as propriedades sensitivas sejam as primeiras a desaparecer, e sem sensação não ha consciencia. Depois desaparecerão as funcções moto nervosas, e por fim a muscular.

Quanta gente poderá assim ter sido autopsiada ou enterada ainda com vida?...

Heliodoro Salgado.

Almeida Garrett

(Descricao por elle proprio)

Os individuos morrem; depois da morte vem a justiça e começa a immortalidade das famas honradas. Eu não sou materialista religioso nem politico; espero salvar a minha alma em Jesus Christo, e o meu crédito na lembrança dos portuguezes; n'essa esperanza certa de resurreição adormeço tranquillo ao som dos uivos infernaes com que presumiam fazer-me desesperar n'esta hora que cuidaram ser de morte...

Mas não é assim das crenças e opiniões politicas: essas não morrem, essas precisam desaggravadas em vida dos que as professam, e por isso as vim hoje defender, e aos meus irmãos em doutrinas, dos traçoeiros ataques dos seus inimigos. Por mim, ladrem todas as tres gargantas do cão infernal, que nem me importa açamalo de força, nem uma sopa lhe hei-de deitar para lhe calar um latido.

Como cidadão, nunca renunciei um direito, nem que me custasse a fazenda, a vida, a patria. Tenho-o provado nos carceres, no exilio, na miseria...

Como subdito, nunca faltei a uma obrigação; e não menos duramente asselei a minha lealdade...

Como portuguez, nem um pensamento leve,—momentaneo,— chegou a cruzar-me no cerebro, de que não possa gloriar-me á face do mundo...

Como funcionario publico, quiz minha boa estrella que ainda não estivesse em logar a que podessem chegar nem as suspeitas da inveja...

Fraco homem de letras sou, não presumo d'ellas; mas nunca prostitui a minha prosa n'uma mentira, os meus versos n'uma lisonja...

Falem esses opusculos que a nação portugueza ainda tem a indulgencia de lér.

Fraco soldado fui, o ultimo derradeiro d'essa phalange em que tantos morreram para nos immortalizar a todos. Mas nem fiquei nos *bailes de Paris* ou nos *pasmatorios de Londres*, enquanto os meus compatriotas vinham encerrar-se nos debeis muros do Porto; nem a minha mão, apesar de inbelle e doente, recusou pegar na espigarda de soldado para ficar nas reservas de França e de Inglaterra, manejando a pena censoria que tudo achava mau quanto se fazia pelos que expunham a sua vida por elles.

Cobri-me de vestido grosseiro, nutri-me do pão grosseiro do soldado raso, nunca tive outra paga ou outra étape, fiz como os outros sem ser valentão; e a débil pégada que o meu obscuro pé imprimiu nas praias do Mindeho, ha-de ficar gravada na historia como a dos bravos, cujos heroicos feitos rodeam de uma auréola de gloria os fracos serviços de seus honrados compatriotas que, para o commum empenho, não deram pouco no que deram, porque era quanto tinham.

Almeida Garrett.

Aldegaloga, 15 de Novembro de 1866

Reina grande regosijo pelo projecto que em breve, segundo dizem as gazetas, vae entrar em discussão nas camaras legislativas—o descanso semanal.

Mas enquanto ha regosijo entre os caixeiros, ha tambem protestos d'alguns patrões, e com mais energia os confeiteiros e pasteleiros, que a todo o transe pretendem demolir *certos artigos* do dito projecto. Segundo lêmos nos jornaes, por estes já foi apresentada á camara baixa uma reclamação n'esse sentido.

Verêmos o que as camaras resolvem, e a attitude do governo. Por nossa parte fazemos votos para que tudo se resolva sem prejuizo nem do patronato nem de nós proprios empregados, o que aliás será possivel, caso o actual governo queira attender ás exigencias das normas justas e equitativas, que tanto o seu chefe apregôa.

Seja no entanto como fôr, a classe agora, mais de que nunca, tem que empregar toda a sua energia, intrasigencia e boa vontade, para conseguirmos a realisacção d'um facto

consummado! E, se ainda d'esta vez não o conseguirmos, temos que cultivar uma nova e mais energica metamorphose

Por exemplo: um directorio que nos guie!

A imprensa está agora, como é notorio, levantando um vivo protesto, por todo o paiz, e fazendo uma propaganda inaudita contra a lei da imprensa apresentada ao parlamento.

Incluiu tambem, conjunctamente, um protesto contra o descanso dominical, na parte que abrange a ella propria.

Segundo dizem os nossos mais distinctos homens de sciencia como Theophilo Braga, o *descanso semanal obrigatorio* é um atropello á liberdade, mas dizem tambem que o *descanso semanal* dado ás classes preletarias attende aos bons principios de equidade, justiça e liberdade. Dil-o Theophilo, o grande mestre de philosophia, e o que elle diz é incontestavelmente indubitavel. Nós, *manipuladores* d'estas modestas linhas, pro-selytos do repouso, e tambem democratas ainda que humildes mas sinceros e convictos, concordamos com isso, e mesmo protestamos sempre contra oppressões.

Agora o que não podemos nem devemos, attentas as nossas ideias expostas, é tolerar os mesquinhos e ridiculos desejos d'alguns srs. patrões menos escrupulosos com as suas normas philauciosas e egoistas, que a todo o momento desejam aniquilar a liberdade e o direito que como a qual-quer outro cidadão pertencem aos seus empregados. Além d'isso, as classes salarizadas não pedem o *descanso* n'este ou n'aquelle dia; pedem sim, um dia de *descanso* em cada semana, seja elle qual fór! Logo por consequente queira o governo attender-nos, estabeleça uma lei que regule o *descanso*—mas uma lei sem excepções! que castigue todo aquelle que commetter infracção, e nós depois, conjunctamente com os nossos chefes, escolheremos dia preciso e de melhor conveniencia para as duas partes.

Aqui por exemplo em Aldegalleja, a opinião dos commerciantes (á excepção dos pyrrhonicos e nescios que nada percebem) é que elle seja á quinta-feira, por ser um dia menos movimentado; opinião esta que nos caixeiros temos acatado. Assim essa lei... *deixe um rasto luminoso* digno de applausos!

Eis pois a nossa opinião.

Acham razoavel?

Emfim, quem não concordar connosco, que fale, porque da melhor vontade concordaremos, caso n'isso vejamos mais fertilidade para a classe.

Os caixeiros d'esta villa em viaram ao parlamento quatro telegrammas, todos do mesmo theor, a varios parlamentares, quaes foram aos ex.^{mos} srs. Antonio José d'Almeida, Dantas Baracho, Dias Ferreira, e presidente do conselho.

José Antonio de Faria

Sabemos que em breve este nosso dilecto amigo e collega faz exame para o *elevadissimo* posto de 1.º cabo! Já é ter sorte!

D'aqui o felicitamos, e creia que temos a convicção nitida de que em breve o havemos de ver... *O' viroscas...* o primeiro hierarchico do exercito portuguez!!! tão certo como nós havemos ser... Bispo.

Ernello Junior.

Lei de Imprensa

O sr. Domingos Carreira, illustrado correspondente d'«O Seculo», justifica, em communicado inserto no n.º 877 do nosso collega local «O Commercio de Barcellos», a sua falta á reunião de protesto, que n'esta villa se effectuou, contra o projecto de liberdade de imprensa, em discussão na camara dos deputados. E, justificando, tambem, o motivo porque, na correspondencia que enviou para «O Seculo», não collocou o nosso jornal ao lado da «Folha da Manhã», diz:

«... e se ao lado da «Folha da Manhã» não colloquei a «Fraternidade»—oração de uma classe que encontrou emfim um governo que procura satisfazer com a proposta de lei do *descanso dominical* as suas justissimas aspirações—é porque o meu informador se esqueceu de m'o indicar...»

O sr. Domingos Carreira salienta que o nosso jornal é órgão de uma classe que encontrou um governo que procura satisfazer-lhe as aspirações com a proposta do *descanso dominical*; e salienta isto como para nos dizer que vamos receber um *favor* do governo.

Ora nós, defendendo a causa de uma classe, simplesmente pedimos, a este ou a outro governo, que faça justiça ás reclamações da classe que representamos.

E, pedindo nós justiça, o governo que attenda as constantes reclamações da nossa classe, só nos faz justiça e usticia não á favor.

Demais, o actual governo, que se diz liberal e que procura pôr em pratica o seu programma com que se apresenta, não cumpre mais que uma das partes do mesmo programma, estabelecendo o *descanso dominical* ou *semanal*, regulado por uma lei, porque o sr. João Franco, já antes de subir aos conselhos da corôa, apregoava esta e outras medidas sociaes, como necessarias ao bem estar dos que trabalham.

Por isso, decretando o *descanso semanal*, o actual governo só cumpre as promessas feitas pelo seu chefe.

Julga-se melhor do homem pelos seus actos, que do auctor pelos seus livros.

O Patriotismo

(Auctor—Charles Albert)

O patriotismo official, aquelle que se ensina nas escolas, é uma religião, e como toda a religião, é ao mesmo tempo uma mentira e um meio de escravidão.

Quando os burguezes, nossos actuaes senhores, se apoderaram do poder ha mais d'um seculo, sabiam muito bem que a religião, isto é, o fanatismo, é um excellente meio de governar os homens. Por isso apressaram-se a substituir o fanatismo Deus que elles proprios tinham arruinado, pelo fanatismo Patria. Quando somos muito pequenos, inculcam-nos com o maior cuidado, o amor pela patria. Mas ha o cuidado de fazer com que este termo não corresponda a coisa alguma de preciso, que seja para nós alguma coisa de indeterminado e vago. E' o idolo terrivel e mysterioso, ao qual nos mandam sacrificar tudo, sem que nós possamos comprehender porquê.

Com grande reforço de phrases empolladas tornam-nos escravos d'uma palavra, d'uma palavra vasia de sentido. Em seguida poderá dizer-se, invocando esta palavra, tudo quanto se quizer, occultando por detrás d'ella tudo quanto se quizer occultar. Basta pronunciar-a para nos conduzirem a todas as aventuras, para nos fazer absolver todos os crimes.

E' o que tem acontecido.

Por meio d'esta palavra, trogam-nos e exploram-nos, subjagam-nos e embrutecem-nos, maltratam-nos e reduzem-nos á fome, isto de paes a filhos, ha mais d'um seculo.

Não ha infancia ou crueldade, negocio suspeito, programma falso, instituição oppressora, que não tenha tido esta palavra por divisa.

E' pela patria que nos encerram durante tres annos n'uma verdadeira prisão, a caserna, quando nos não fazem morrer de insolação no campo de manobras, ou nos fazem metralhar no campo da batalha. E' pela patria que nos esmagam com impostos e é pela patria que os intrujões ávidos do nosso dinheiro nol-o pretendem extorquir. E' pela patria que se trabalha doze e quatorze horas n'um trabalho de bestas, em troca d'um salario faminto.

Não é para que os chamados productos nacionaes triumphem no mercado internacional, que os operarios devem morrer de fome a trabalhar?

O que não impede, por outro lado, que os patrões patriotas contractem operarios estrangei-

ros se ganham mais com isso, ou prefiram empregar materiaes e productos do estrangeiro se isso lhes faz mais conta.

A IGREJA E A ESCOLA

Cada escola que surge é, para a mãe da hypocrisia, mais um dogma que cae, mais uma folha do Evangelho que se esphacela. Qual ave nocturna, cae, prostrada, quando depára com a *Luz*. Assim é a Igreja, inimiga do *Progresso*, defensora de mentiras e superstições. Não lhe convem que a onda do progresso germine ideias novas nos cerebros ignorantes.

A ignorancia—mãe de todos os vícios—é a meta das suas victorias.

Detesta o movimento liberal que vae arrastando o povo para o caminho da *Verdade*, mostrando-lhae que trilhava, d'antes, sob falsas doutrinas, vivendo nas trevas.

Na Escola cinzelam-se os cerebros embrutecidos, alli demonstra-nos a *Sciencia*—verdadeira religião—mysterios scientificos considerados, pelos falhos de conhecimentos, como obra d'um deus inventado por ella.

A Escola demolidora das suas mentiras, mostra-nos, claramente, sem subterfugios, a estrada da *Razão* e da *Justiça*.

A Escola—mãe da Trindade *Verdade, Justiça e Amor*—causa-lhe horror, medo, pois derrama seus raios vitalisantes pelo proletariado, quer com a leitura de bons livros, quer com jornaes ou conferencias.

A Escola—alma d'um povo—é a unica arma que a derubará, sem saugne haver, nem luctas.

Trabalhemos, unidos todos, pela Escola, pois cada uma que surge é mais um dogma que cae, uma folha do Evangelho que se esphacela.

SONETO

Como duas flores unidas,
Do mesmo céu orvalhadas,
De sexta e ás madrugadas,
Pela mesma luz aquecidas;

Como duas irmãs queridas,
No mesmo berço embaladas,
Cujo amor, destino e vidas
São iguaes, por Deus traçadas;

Como, com a mesma anciedade,
Dois guerreiros na montanha,
Defendem a liberdade,

Buscando uma luz estranha,
Progresso e fraternidade;—
Tal está Portugal e Hespanha!

Porto, 27 de Maio de 1901

A. C. dos Santos

“A FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ex.^{mo} S.^{as}